



a implementação de indicadores adequados que possam refletir sobre esses critérios. Então, como medir uma educação equitativa e de qualidade?

Nos anos 80 o discurso sobre a qualidade da educação, elaborado pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) substituiu os debates dos anos anteriores sobre o fracasso escolar dos jovens de meio popular. Embora o tema da qualidade e equidade da educação ainda abordasse questões de fracasso escolar, ele deixou de ser uma reivindicação sociopolítica por mais igualdade e se tornou uma preocupação econômica com o custo do fracasso, especialmente a repetência de ano pelo estudante (Charlot, 2019).

Levantar a questão da qualidade da educação é relevante, mas mais interessante ainda seria uma resposta antropológica: qual homem e qual mulher uma "educação de qualidade" deve formar? Para Charlot (2019), é crucial considerar não apenas os aspectos técnicos e econômicos, mas também os valores humanos e sociais que a educação deve promover. Além de habilidades e conhecimentos, a educação deve preparar indivíduos capazes de contribuir para uma sociedade justa e equitativa, com senso crítico, ética e responsabilidade cidadã.

Na visão de Fensterseifer et al., (2017), a vida não é simplesmente um exercício de geometria, sugerindo que sua complexidade não pode ser reduzida a fórmulas exatas ou previsíveis. Savater (2012), complementa essa ideia ao afirmar que a vida se assemelha mais a contos do que contas, enfatizando a natureza narrativa e imprevisível da existência humana. Isso implica que a educação para a vida, ou na "escola da vida", é realizada por amadores, que aprenderam e ensinaram a viver antes mesmo da formalização das instituições educativas.

Masschelein e Simons (2014), questionam, como um professor deve se relacionar com seus estudantes? Qual é o real papel da escola na formação dos estudantes? Para os autores estes questionamentos são discutidos com frequência, no entanto, ao focar nesses objetivos externos, é ignorado o que escola realmente faz. A escola idealizada muitas vezes tem a missão de produzir indivíduos prontos para o mercado de trabalho ou para a educação superior, prometendo empregabilidade imediata.

Este conceito é apoiado pela educação baseada em competências, que se alinha às necessidades do mercado de trabalho e da sociedade, visando desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes aplicáveis na prática. A empregabilidade tornou-se um termo central no discurso sobre a educação, afetando não apenas os estudantes, mas também os professores e



gestores (Masschelein e Simons, 2014).

Charlot (2019), também indaga, numa sociedade que anseia por valores como a solidariedade e dignidade, o que queremos transmitir e ensinar com as nossas práticas aos estudantes? Quais práticas sociais e pedagógicas contra hegemônicas podem produzir tais valores numa sociedade cuja lógica dominante é aquela da concorrência generalizada?

Infelizmente quando falamos em qualidade da educação, muitas vezes estes questionamentos são esquecidos e apenas dados numéricos são considerados, exemplo disso são as avaliações externas realizadas para mensurar a qualidade da educação brasileira, onde somente dados de algumas disciplinas são considerados, como as avaliações realizadas pelo MEC, através da SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) (Charlot, 2019).

Os discursos sobre a empregabilidade e a qualidade da educação frequentemente se baseiam em uma visão empobrecida do ser humano e de seu desenvolvimento educacional. Esse enfoque reduz a educação a uma preparação para disciplinas economicamente lucrativas (Língua Portuguesa e Matemática), promovendo uma concorrência internacional em torno dessas áreas de estudo (Charlot, 2019). Para a autora, em vez de considerar o ser humano em toda sua complexidade, com diversas capacidades e interesses, essa abordagem tende a limitar a educação a um meio para alcançar objetivos econômicos imediatos, negligenciando aspectos mais amplos do desenvolvimento pessoal e cívico.

Neste contexto é necessário reinventar a escola, através de ações concretas para reunir os jovens em torno de uma "coisa" comum, isto é, algo que se apresenta no mundo e que pode ser disponibilizado para uma nova geração. Isso significa criar um espaço onde os estudantes possam explorar e aprender de maneira independente e crítica, além de desenvolver habilidades sociais e cívicas. A escola deve ser um lugar aonde a educação vai além da simples preparação para o mercado de trabalho, envolvendo também o desenvolvimento integral do ser humano, incluindo sua capacidade de pensar criticamente, agir de maneira autônoma e contribuir para a sociedade inclusiva e equitativa (Masschelein e Simons, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões sobre desenvolvimento sustentável, iniciadas na Conferência de Estocolmo em 1972, foi construída uma agenda global. A agenda 2030 aborda dentre



diversos objetivos uma educação de qualidade e equitativa como um de seus objetivos principais. Entretanto, a medição da qualidade da educação, muitas vezes se limita a dados numéricos e avaliações externas, que não consideram a complexidade do desenvolvimento humano e educacional. Sendo que uma educação de qualidade deve formar indivíduos não apenas com habilidades técnicas, mas também com valores humanos e sociais que promovam uma sociedade justa e equitativa.

A sociedade é uma organização complexa, e a educação deve preparar os indivíduos para essa complexidade, indo além da simples preparação para o mercado de trabalho. Neste contexto, destaca-se a necessidade de reinventar a escola como um espaço de interesse público, onde os estudantes possam desenvolver habilidades críticas, sociais e cívicas, e não apenas competências para a empregabilidade. Para isso, é essencial que a educação transcenda os objetivos econômicos imediatos e promova um desenvolvimento integral do ser humano, considerando a complexidade e a diversidade das capacidades e interesses dos estudantes.

Palavras-chave: Educação; Formação Humana; Qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARLOT, E. A questão antropológica na Educação quando o tempo da barbárie está de volta. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 73, p. 161-180, jan./fev. 2019.

COSSETIN, V. F Moral asepsis in Education. In: **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v.35, n.74, p. 1-30, mai./ago. 2021.

FENSTERSEIFER, P. E; GOETTEMS, L; BURCKARDT, E. V; GEHRKE, C. Acontecimentos: um mosaico da condição humana. **Revista Cena**, v.23, p.50-63, 2017.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2011.

MASSCHELEIN, J; SIMONS, M. **Em defesa da escola: uma questão pública**; tradução Cristina Antunes. -- 2. ed. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

RAMOS, P.T. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), Educação Ambiental e o currículo da cidade de São Paulo**. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2022.

SAVATER, F. **O valor do educar**. Tradução Monica Stahel. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2012.